

**“DUX ET LEGATUS ET MILES”: O IMPERADOR ROMANO COMO
LÍDER MILITAR NO PANEGÍRICO DE PLÍNIO, O JOVEM E NA
COLUNA DE TRAJANO**

**“DUX ET LEGATUS ET MILES”: THE ROMAN EMPEROR AS
MILITARY LEADER IN PLINY THE YOUNGER’S PANEGYRIC AND
TRAJAN’S COLUMN**

**“DUX ET LEGATUS ET MILES”: EL EMPERADOR ROMANO COMO
LÍDER MILITAR EN EL PANEGIRICO DE PLINIO EL JOVEN Y EN
LA COLUMNA DE TRAJANO**

André Luís Belletiniⁱ

Resumo: O governo do imperador Trajano (98-117 d.C.) representou um momento estabilidade e prosperidade, marcadas pela política conciliatória do príncipe com o Senado e formidáveis campanhas militares que levaram o império a sua máxima extensão territorial. Bastante enfatizados pelas fontes antigas, estes aspectos se mostraram essenciais na construção deste imperador como modelo ideal de governante. Este artigo busca observar como o Panegírico de Plínio, o Jovem e a Coluna de Trajano constroem a imagem do imperador enquanto líder militar dentro do contexto de sua confecção, estabelecendo um diálogo entre estas fontes, de modo a destacar continuidades e rupturas dentro deste processo.

Palavras-chave: Imperador Romano; Panegírico de Plínio; Coluna de Trajano.

Abstract: The government of emperor Trajan (A.D. 98-117) represented a moment of stability and prosperity, marked by the conciliatory policy of the prince with the Senate and formidable military campaigns that took the empire to its maximum territorial extent. Highly emphasized by the ancient sources, these aspects were essential in the construction of this emperor as an ideal model of ruler. This article seeks to observe how the Panegyric of Pliny the Younger and Trajan’s Column build the image of the emperor as a military leader within the context of his making, establishing a dialogue between these sources, in order to highlight continuities and ruptures within this process.

Keywords: Roman Emperor; Pliny’s Panegyric; Trajan’s Column.

Resumen: El gobierno del emperador Trajano (98-117 d.C.) representó un momento de estabilidad y prosperidad, marcado por la política conciliadora del príncipe con el Senado y formidables campañas militares que llevaron al imperio a su máxima extensión territorial. Muy

ênfatizados por las fuentes antiguas, estos aspectos resultaron ser esenciales en la construcción de este emperador como modelo ideal de gobernante. Este artículo busca observar cómo el Panegírico de Plínio, el Joven y la Columna de Trajano construyen la imagen del emperador como líder militar en el contexto de su realización, estableciendo un diálogo entre estas fuentes, con el fin de resaltar continuidades y rupturas dentro de este proceso.

Palabras clave: Emperador Romano; Panegirico de Plinio; Columna de Trajano.

Introdução

Em agosto de 117 da nossa era, na cidade de Selinus, renomeada “Traianopolis”, morria o imperador Trajano. Ainda em vida considerado como “o melhor” (*Optimus*) e, agora, elevado aos céus (*inter divos relatus*), ele seria o único imperador enterrado dentro dos limites sagrados de Roma (*pomoerium*), na base da coluna que porta seu nome, erigida por ele no novo Fórum, ao que se somaria a honra totalmente sem precedentes de um triunfo póstumo, tendo um simulacro do imperador ocupado seu lugar durante o cortejo triunfal. Essas conquistas “políticas” de Trajano foram resultado de um governo que procurou, desde o início, estabelecer uma política de aproximação com a classe senatorial, sem deixar de dar atenção à plebe urbana e aos anseios das províncias e dos exércitos (BRIZZI, 2012, p. 258).

Durante quase duas décadas, o império observou a construção e reforma de diversas estruturas em Roma e nas províncias e o estabelecimento de programas sociais, em grande parte financiados pelos espólios das importantes campanhas militares conduzidas pelo imperador ao norte do Danúbio e a leste do Eufrates. Trajano foi tido, em geral, como um bom governante pelos antigos e um modelo a ser superado, de modo que, mais de dois séculos após seu governo, ele ainda era evocado no momento da ascensão de cada novo imperador através da fórmula “que sejas mais afortunado que Augusto e melhor que Trajano” (“*Felicior Augusto, melior Traiano*”). Se em muitos aspectos suas ações políticas podem ser comparáveis às de seus sucessores, e mesmo dos antecessores, os êxitos militares seriam o grande objeto de destaque em relação a este imperador nas obras de autores como Cássio Dion, Eutrópio e Aurélio Victor.

De fato, o aspecto militar da posição imperial não lhe era apenas característico, mas fora essencialmente seu criador. Durante o período republicano, o comando das armas romanas estivera reservado à classe política, e, conseqüentemente, controlado por ela. Para ascender na carreira política era necessário militar nas fileiras das legiões e cada comandante de legião era ou fora recentemente um político, não havendo uma “carreira militar” propriamente dita. Contudo, nos dois séculos que se seguiram à difícil guerra contra Aníbal, e mesmo durante ela,

campanhas cada vez mais longínquas e demoradas passaram a exigir tomadas de decisão diretamente no *front* de batalha de modo a dar maior liberdade de ação aos generais para resolver os conflitos da melhor maneira possível. Vagarosas deliberações no Senado e a troca de postos de comando em plena campanha resultaram em perniciosos desfechos, deixando as províncias, e mesmo a Itália, exposta a invasões externas. Destarte, passou-se a recorrer – e com grande frequência – à atribuição de mandatos temporários extraordinários aos comandantes, dando-lhes poder de recrutar novas legiões, reunir recursos, estabelecer e romper acordos diplomáticos. Abria-se, assim, o caminho para a instauração de um regime de poder pessoal. Sila, tendo vencido a guerra contra Mitrídates do Ponto, marchou contra Roma, derrotou as forças que se lhe opuseram e assumiu a *Dictatura*, expurgando a *Res Publica* de seus opositores. Após os múltiplos sucessos, Pompeu assumiu o prestigioso posto de *princeps senatus* e conduziu hegemonicamente o cenário político, até ser superado por Júlio César, que pouco fez para esconder suas aspirações monárquicas (BRIZZI, 2012).

Comum a todos estes fora sua intensa participação nos embates civis e externos que abalaram o regime republicano no século que antecedeu a instauração do Principado. Nesse momento, observa-se a chegada cada vez mais frequente de *novi homines* – senadores sem antepassados ilustres – ao comando das legiões. A ordem equestre, por sua vez, não tendo acesso direto às altas magistraturas, fornecia dentre seus membros indivíduos que comporiam os quadros de oficiais das legiões e forças auxiliares, galgando patentes superiores a fim de ascender na vida política e social – ao ingressar na ordem senatorial. Muitos destes equestres seguiram por longos períodos nas fileiras das legiões, destacando-se como reconhecidos *virii militares*, aos quais homens como Pompeu, César ou Augusto recorreriam frequentemente devido à experiência bélica. Este processo se intensificou nos anos finais da República e se consolidou na fase imperial (SYME, 1939, p. 396-401).

A consolidação do poder pessoal e o estabelecimento de um novo regime político, embora se tratasse de um longo processo, foi em grande parte a obra prima de um estadista como Augusto. Ele próprio filho de uma família equestre oriunda da municipalidade italiana, soube adequar-se às situações encontradas, bem como adaptá-las aos seus interesses. Adotado como filho e herdeiro político de Júlio César, seu tio-avô, bateu-se contra Marco Antônio na Gália e depois aliou-se a ele contra as forças dos cesaricidas Bruto e Cássio, conseguindo, após um triunvirato com Lépido e Antônio, afastar o primeiro da vida pública e derrotar o segundo em Áccio. Como líder da única facção poderosa o suficiente para manter o controle do império

após um século de conflitos civis, Augusto dedicou todo o seu governo à instauração e consolidação do Principado – tendo esse último escopo se realizado apenas durante o governo de seus sucessores imediatos –, através de uma série de reformas políticas e sociais, mas também de uma intensa atividade cultural visando legitimar o novo regime político bem como aqueles que o regeriam (MENDES, 2006, p. 23-26).

Já em 38 a.C., Otávio – o futuro Augusto –, tendo já procedido a divinização do pai adotivo como *divus Iulius*, tomaria como *praenomen* o título de *imperator*, até então concedido temporariamente a generais que alcançavam grandes vitórias, do momento de sua aclamação pelos soldados até seu triunfo em Roma. Este fato em si evidenciava a natureza militar de seu poder bem antes de sua investidura como governante do mundo romano, algo bem patente quando da atribuição dos títulos de *Augustus* e *princeps senatus*, além de uma série de poderes extraordinários por volta de 27 a.C. (AMES, 1999). Dentre estes, convém destacar o *imperium proconsulare maius*, através do qual o imperador detinha o poder legal de governar, através de legados (*legati Augusti*) as províncias fronteiriças, que necessitavam de maior atenção devido a ameaças externas, bem como aquelas que seriam incorporadas ao império durante seu governo. Em suma, ele possuía o controle sobre o grosso das forças armadas romanas (SYME, 1939, p. 314).

Uma das preocupações do primeiro imperador, porém, foi sempre manter as aparências em relação à tradição republicana. Convém observar que, em grande parte, as medidas por ele adotadas e instituídas já possuíam precedentes durante o período republicano. Há muito longos mandatos militares eram empregados, Lúculo, Sila e Pompeu receberam poderes quase monárquicos sob todo o Oriente nas guerras contra Mitrídates, e este último governou província espanhola *in absentia* enquanto se engajava politicamente em Roma. A grande novidade é que estes poderes acabaram por tornar-se permanentes. De fato, a instauração do Principado em pouco alterou a sociedade e a economia do mundo romano, e, em questão de política, a realidade há muito vivida pelas províncias foi apenas importada para Roma e a Itália, pois agora tinham também elas um “governador” (MILLAR, 1977, p. 17).

Contudo, dentro da fachada política republicana, o *princeps* não possuía mais poder do que qualquer de seus colegas senadores, ultrapassando-os, em teoria, apenas em autoridade (*auctoritas*), cujo fundamento estava em suas virtudes pessoais. Segundo Veyne (2009), deveria saber portar-se frente ao consenso que os diferentes setores sociais estabeleceram para as bases de legitimidade do regime. Nas palavras de Brizzi, “Augusto permaneceu sempre prisioneiro

dos ideais e das complexas simbologias sobre as quais fundou o próprio poder; e deixou como reféns disto seus sucessores mais imediatos” (2012, p. 209). Para completar a obra augustana era necessário encontrar um sucessor a altura. Mas como passar o cajado de tão grandes poderes e tão prestigiosa função sem escancarar a natureza monárquica do novo regime? A resposta viria do exercício de uma extensa carreira senatorial nos moldes republicanos e Augusto, desde cedo, procurou investir possíveis sucessores com diversas magistraturas através das quais eles demonstrariam ter também as virtudes e capacidade para conduzir os negócios públicos e manter a segurança e a paz interna. A escolha da sucessão recaiu sobre a pessoa de Tibério, enteado e filho adotivo de Augusto, que apresentava uma longa carreira senatorial, era membro de uma antiga e respeitada família aristocrática, mas também, e não menos importante, estivera a frente de importantes guerras e tratados no Oriente, no Reno, no Danúbio e mesmo no coração da Germânia, dando-lhe enorme prestígio entre o setor militar, de maneira que, no momento de sua ascensão, o sucessor “já detinha poderes suficientes para debelar qualquer oposição real” (SYME, 1939, p. 415). Estavam, então, lançadas as bases da “constituição” do Principado romano: o respeito formal às antigas tradições republicanas e o poderio das armas.

Unum ex nobis

Em setembro de 100 d.C., Plínio, o Jovem recitava sua ação de graças (*gratiarum actio*) ao imperador Trajano, perante o Senado, devido à sua nomeação como *consul suffectus* daquele ano. A prática de agradecer a eleição ao cargo mais alto da carreira política romana provavelmente já era comum durante o período republicano, tendo, contudo, o destinatário de tal agradecimento deixado de ser o *populus romanus*, centrando-se, por volta dos anos finais do governo de Augusto, na figura do *princeps* (ROCHE, 2011, p. 3). É importante frisar que o texto do Panegírico ao que temos acesso não se trata necessariamente de uma transcrição *ipsis litteris* do discurso proferido na Cúria. O texto passaria por revisões e alterações, como pode ser constatado pela correspondência de Plínio com membros da aristocracia romana, até sua publicação final, por volta de 103 ou 104, evidenciando alguns anacronismos, visto que algumas das políticas adotadas pelo novo imperador ainda não haviam sido implementadas na data do discurso original. Ainda assim, segundo Bennett, o texto pode ser observado como “um fiel espelho da situação em Roma nos anos 98-100” (1997, p. 65).

O conteúdo do texto em si possui teor laudatório e procura estabelecer a imagem de Trajano como a de governante ideal, como príncipe perfeito (*Optimus Princeps*), destacando-o

de todos os seus antecessores através de suas virtudes e ações que estariam sempre voltadas ao bem comum. O tom adulatório, e mesmo submisso, que o panegirista utiliza em direção ao imperador chega a contrastar com as afirmações de um novo tempo de retorno da liberdade política, de autonomia das classes altas, renascimento das letras e a garantia de paz e segurança contra o exercício de um poder autocrático. Isso levanta questionamentos em relação não apenas à sinceridade do autor como também à veracidade das informações apresentadas. Contudo, é novamente Bennett quem nos adverte que o público a quem se destinava o discurso, e posteriormente sua versão escrita, tinha longo conhecimento a respeito da carreira e da figura de Trajano, de modo que, se exageros retóricos eram permitidos e toleráveis, o panegirista não poderia falsificar os fatos sem cair em total descrédito (1997, p. 23-24). De fato, no Panegírico bem com em sua correspondência, o próprio Plínio nos informa que o escopo de sua obra é aquele de exortar o imperador a seguir governado o império da melhor maneira possível bem como a coagir seus sucessores a seguir os passos do *optimus princeps* (ROCHE, 2011, p. 5).

Tendo em mente a natureza militar do poder imperial, convém, então, atentar-nos a como Plínio, o Jovem aborda os aspectos militares referentes a Trajano. Dividido em 95 curtos capítulos, o texto dedica os 20 primeiros, não exclusivamente, mas sobretudo, a questões de cunho militar, dando destaque à carreira de Trajano. Ao longo do texto é possível observar que, embora muito relevantes, estas questões parecem ter caráter secundário frente às obrigações da vida política civil, aquelas inerentes à figura do *princeps* e que merece os maiores destaques. É possível notar como os termos *princeps* e *imperator*, ainda que por vezes empregados quase como sinônimos, referem-se a duas atribuições diferentes – uma de caráter civil e outra militar – do mesmo indivíduo, sendo o último utilizado com menor frequência que o primeiro (*imperator* aparece 64 vezes no texto contra 238 aparições do termo *princeps*, levando-se em consideração todos os casos em que as palavras são declinadas). De fato, é o caráter senatorial da figura de Trajano que Plínio procurará evidenciar, mesmo quando tratando de assuntos militares.

Proveniente das elites provinciais da *Hispania Baetica*, Trajano Pai – ambos pai e filho tinham por nome *Marcus Ulpius Traianus* – se destacara como um leal apoiador de Vespasiano durante a Primeira Guerra Judaica (66-73) e as guerras civis de 68-70 e foi o primeiro membro de sua família a ingressar no Senado, abrindo assim caminho para uma promissora carreira para o filho. O futuro imperador teria começado sua carreira político-militar por volta dos 20 anos como tribuno militar sob as ordens de seu pai, à época governador da Síria, entre 73 e 76

(BENNETT, 1997, p. 24). Plínio louva ações não especificadas de Trajano que, naquele contexto, teriam aumentado ainda mais a glória de seu pai (“*gloriam patris augeres*”), que recebeu os *ornamenta triumphalia* por alguma campanha que impediu uma guerra aberta contra os partos.

Após essa experiência inicial, o jovem tribuno partiria para servir nas legiões estacionadas no Reno, onde se destacaria o suficiente para merecer o título de Germânico (*nomenque Germanici iam tum mererere*). Segundo o Panegírico, Trajano teria servido por dez anos como tribuno (*stipendia decem*), período no qual pôde conhecer longínquas terras, diferentes tradições e povos, o clima e a natureza de diferentes regiões, bem como as maneiras de melhor transitar por elas. Todos esses conhecimentos teriam preparado Trajano para que pudesse ser um líder (*ita egisti tribunum, ut esse statim dux posses*). Contudo, segundo Bennett, desde o governo de Tibério, não era comum mesmo a experientes gerais exercer um posto militar durante tanto tempo e, embora não se possa excluir a possibilidade de Trajano ter servido por um período mais longo do que o usual, talvez para estabelecer uma rede maior de conexões políticas, é bem provável que os dez anos de serviço nas legiões se tratasse de um artifício retórico que aludia a tradição política da média República (1997, p. 25).

Em seguida, o texto dá um salto temporal para o ano de 89, e Trajano encontra-se agora como governador (*legatus Augusti*) da Hispânia Tarraconense. Esse é o momento da revolta de Saturnino, governador da Germânia, que, apoiado pelas legiões sob seu comando e por tribos germânicas do além-Reno, intentava marchar contra Domiciano. O imperador convocou Trajano e sua legião enquanto marchava ele próprio ao norte com a guarda pretoriana. Ainda que a revolta tenha sido rapidamente esmagada pelo governador da Germânia inferior, Lappius Maximus, imperador e legado continuaram a marcha, tendo o primeiro se atentado a eliminar aqueles incriminados na rebelião, enquanto o segundo provavelmente dirigiu campanhas punitivas contra os germanos que se aliaram ao rebelde (ibidem, p. 44).

Essa é, provavelmente, a passagem mais emblemática do Panegírico. Segundo Plínio, o inapto e invejoso Domiciano recorrera a Trajano, por quem sentia uma admiração imiscuída com medo (“*tantam admirationem tui non sine quodam timore conceperit*”) naquela difícil situação e após esse conflito, comparando-os com Euristeu e Hércules, enviou o general de campanha em campanha (“*aliis super alias expeditionibus munere*”). A grande rapidez com que Trajano respondeu ao chamado do imperador (*tanta velocitas*), enfrentando difíceis terrenos, como os Pirineus e os Alpes, é motivo de louvor da parte de Plínio, mas seu real

escopo é omitido. Em nenhum momento o panegirista cita a revolta de Saturnino e, conseqüentemente, que Trajano se apressava para combater compatriotas romanos, ainda que em rebelião aberta. Há menos de 20 anos o império vivenciara uma sangrenta guerra civil, ocasionando em severas repressões, legiões dizimadas e uma grave crise econômica. Se a vitória sobre hostes externas era uma honra digna de louvor, um triunfo fratricida sobre romanos certamente deixaria maculada a imagem de qualquer governante. Beard destaca que as vitórias em guerras civis eram sempre eclipsadas por vitórias sobre nações estrangeiras. O triunfo de César sobre o Oriente e a África mascaravam a destruição dos exércitos republicanos, o triunfo de Augusto contra Antônio foi representado pela conquista do Egito e aquele de Vespasiano e Tito comemorava a vitória na guerra judaica, sem qualquer menção ao sangrento campo de batalha em que a Itália se tornou entre 69-70 (BEARD, 2009, p. 123-124).

Desta forma, o fato de a rebelião ter sido debelada antes da chegada de Trajano contribuiu para a manutenção de uma imagem positiva. Todavia, os argumentos e os personagens do texto pliniano são caracterizados por antíteses de tipos-ideias, cujos exemplos mais marcantes são Trajano como *optimus* e Domiciano como *pessimus princeps*. Em sua busca por combater a memória de Domiciano e elevar a figura de Trajano, e representá-lo como catalizador dos anseios da classe senatorial, Plínio narra como o futuro imperador sabia o quão detestáveis eram os maus príncipes, uma vez que ele, como os demais senadores, corria riscos e temia a ira do tirano Domiciano (“*vixisti nobiscum, periclitatus es, timuisti*”). De fato, a relação de Domiciano e a classe senatorial deteriorou-se cada vez mais após a revolta, ocasionando em exílios, confiscos e assassinatos. No entanto, Trajano foi recompensado com o consulado em 91, devido a sua atitude leal e, provavelmente, foi posto à frente das operações contra suevos e sármatas no médio Danúbio, o que lhe renderia futuramente o título de Germânico (MOMMSEN, 2005, p. 243; BENNETT, 1997, p. 49), de modo que dificilmente um imperador zeloso como Domiciano teria atribuído importantes cargos militares a alguém que não tivesse sua confiança, podendo representar uma ameaça ainda maior que a de Saturnino.

Após o assassinato de Domiciano em uma conjura palaciana, o respeitável senador Nerva foi elevado ao trono pelo Senado e, apesar de seus esforços para conciliar os ânimos e reparar os abusos do governo anterior, sem o prestígio militar de Domiciano, se vira cada vez mais sem apoio (ANGELOZZI, 2003, p. 65). Isso abriu caminho para conspirações e, mais grave, uma revolta da guarda pretoriana que enclausurou o idoso imperador em seu palácio, coagindo-o a seus propósitos. A adoção de Trajano, a essa altura já respeitável *vir militaris*, é

tratada no Panegírico como um ato providencial e desejado pelos deuses. Este processo teria bastado para findar a sedição dos pretorianos (“*statim consedit omnis tumultus*”). Plínio destaca que isso se dera devido ao adotado, fazendo alusão à adoção de Pisão por Galba, o que gerou uma revolta em vez de dissuadi-la (GRIFFIN, 2000, p. 8).

A atitude de Trajano frente a sua adoção é motivo dos maiores louvores. Nomeado César e com poder tribunicio igual ao do imperador reinante, estando a frente de um poderoso exército, ele não procura tomar o poder para si, antes, recusa-se a governar. Plínio destaca que assim como Trajano recebera o poder imperial de Nerva, da mesma forma devolveu-lhe (“*ille tibi imperium dedit, tu illi reddidisti*”). O futuro imperador teria preferido permanecer como soldado, legado e comandante (“*dux, legatus, miles*”) em obediência filial ao pai adotivo. Imbuído de bajulação, estas afirmações de Plínio podem ser muito disputadas. A adoção poderia significar na prática a abdicação de Nerva (SCHOWALTER, 1993, p. 36), bem como o resultado de um bem arquitetado golpe de Estado liderado por uma facção espanhola emergente (SYME, 1939, p. 425). Dois outros aspectos que merecem destaque no Panegírico são o trajeto de Trajano após sua ascensão à púrpura imperial e sua relação com os soldados.

Quando recebeu a notícia da morte de Nerva, alguns meses após a adoção, o novo Augusto se encontrava na Germânia. Tendo ordenado a deificação do antecessor, ele passou do Reno às províncias danubianas, tendo retornado à capital apenas em fins de 99. Segundo Faccini, o imperador buscava certificar-se da segurança desta conturbada fronteira, bem como lançar as bases para suas futuras campanhas contra os dácios (2009, p. 15). Para Rossi, ele almejava promover ainda mais sua reputação militar, assegurando a lealdade dos exércitos e o prestígio junto ao Senado (2012, p. 236). É possível que o imperador também buscasse consolidar alianças com os povos da região – contra os quais ele próprio conduzira campanhas não muitos anos antes –, uma vez que Plínio ressalta-nos a fama do imperador entre as nações bárbaras e que estas lhe enviavam reféns como garantia de aliança (“*accipimus obsides*”). Por outro lado, essa ausência da capital pode indicar também que a situação política se encontrava bastante estável.

Sobre as interações de Trajano com os soldados, Plínio as descreve, durante toda a carreira do imperador, quase sem alterações. Se a disciplina dos exércitos havia se corrompido devido ao péssimo exemplo, à inércia e à contumácia, Trajano a reformava através do bom exemplo e da reverência. Deste os tempos como tribuno, ele aprendeu a dividir com os soldados fome e sede, tendo por costume visitar as tendas dos soldados, dando atenção aos feridos. Ele

inspecionava os armamentos e ordenava os soldados em forma. Durante as operações seu suor imperial se imiscui com o pó (“*imperatorium pulverem sudoremque misceres*”), correndo riscos na frente de batalha, exortando os homens a demonstrarem valentia (“*laudabas... ut auderent*”). Trajano se portava como um soldado e se referia aos soldados como *commilitones*, seus “camaradas”, “irmãos de batalha”. Plínio salienta: quantos soldados não chamaram de camarada o homem a quem hoje chamam de imperador? Trajano os conhece por nome e relembra seus atos de bravura. Tal fora o resultado das ações do imperador que os soldados já não diferiam em nada do povo (“*nam milites nihil a plebe habitu, tranquillitate, modestia differebant*”).

Plínio afirma que não causaria nenhum espanto comparar o imperador com os grandes heróis dos tempos republicanos (“*Fabricios, et Scipiones, et Camillos*”). A aproximação que Plínio faz de Trajano com os antigos generais pode ser observada também pelo emprego do vocábulo republicano *dux*. Aparecendo 10 vezes no texto pliniano (nove das quais empregadas nos primeiros 20 capítulos), a palavra refere-se a Trajano quatro vezes, cinco aos *duces* de períodos anteriores e uma aos ainda por vir. Inicialmente empregado quase como sinônimo de *imperator*, o termo cai em desuso no vocabulário político desde que *princeps* passara a designar a figura do governante romano (SYME, 1939, p. 311).

Contudo, o panegirista recorda que as legiões tem seu *imperator*, mas o povo romano se encontra desejoso de seu *princeps* e clama que ele venha dos acampamentos (“*Iam te civium desideria revocabant*”). Era necessário atender aos outros setores que também davam sustentação ao regime imperial: a plebe urbana e o Senado (SEELENTAG, 2011, p. 77). Os 20 primeiros capítulos do Panegírico destacam as virtudes e ações militares de Trajano e os próximo 75 louvarão suas virtudes cívicas, a justiça, a moderação, a temperança, a continência, a piedade, o respeito às tradições. A intenção de Plínio, o Jovem é a de conciliar o poder hegemônico do imperador com os anseios da classe senatorial, cujo prestígio e segurança eram ameaçados por governantes demasiado autoritários. Para isso, ele salienta que o imperador é também um senador e deve ter sempre isso em mente. Ainda que sua autoridade o coloque acima dos demais, ele é mais digno de honra quando os considera seus iguais (“*hoc magis excellit atque eminet, quod unum ex nobis putat*”).

Traianus Dacicus

Inaugurada em 113, a Coluna de Trajano é um monumento erigido em comemoração à vitória romana nas duas guerras travadas contra os dácios entre 101 e 106. Sua narrativa

iconográfica se constitui de 155 cenas esculpidas em baixo-relevo, cujo friso possui uma extensão de aproximadamente 200 em forma de espiral, voltando a coluna 23 vezes. É possível que as cenas ali representadas fossem baseadas em uma obra intitulada *De commentariis de bello dacico*, escrita pelo próprio imperador a respeito dos conflitos ou em diversas pinturas que representavam cenas de vitória e eram muito comuns durante as procissões triunfais (DAVIES, 1997, p. 43). Visto que muitas fontes escritas contemporâneas ao período trajânico se perderam, como a *bello dacico* ou a *Parthica* de Arriano, e outras dediquem-se a períodos anteriores, como as obras de Tácito e Suetônio, a coluna se constitui como uma importante fonte contemporânea para a compreensão de diversas questões, sobretudo, como seria natural, de natureza militar visto a riqueza iconográfica que apresenta (SETTIS; ANDREAU; BONAN; SCHNAPP, 1985, p. 1152).

De certa forma, embora possa representar uma evolução em relação a outras formas arquitetônicas, ela se constituía como “o resultado mais inovativo” do grande fórum de Trajano e que serviria de inspiração para outros imperadores (LOCATELLI, 2013, p. 15). Existem importantes indagações a respeito deste monumento. Uma importante discussão é a questão da visibilidade das cenas, uma vez que dependendo da função para qual a coluna foi projetada, a importância de se visualizar as cenas seria variável. É bastante possível que a coluna tivesse uma função documental, visto sua posição entre duas bibliotecas que poderiam ter, em sua estrutura, sacadas pelas quais as cenas mais altas seriam visíveis. Contudo, a narrativa da coluna ainda se encontra disposta de maneira que muitas das cenas alinhadas verticalmente retratem acontecimentos repetidos, de modo que seja possível ao menos deduzir quais serão os próximos acontecimentos a aparecer (SETTIS, 1991, p. 190). É possível que ela tenha sido construída como espécie de *heroon*, destinada desde sua concepção a ser o túmulo do imperador – como realmente viria a ser, ainda que nenhum imperador tenha sido enterrado dentro dos limites da cidade anteriormente –, mas também é possível que se tratasse de uma honra extraordinária dedicada pelo Senado, cuja decisão teria tido lugar apenas após a morte de Trajano (DAVIES, 1997, p. 45-8).

Disposta no Fórum, diferentemente das obras literárias cujo alcance era limitado a um público mais abastado, a coluna estava ao alcance da população geral, apresentando-lhes as atividades militares do império e difundindo os elementos da dominação romana na Dácia (ROSSI, 2012, p. 232). A narrativa recorre a elementos da vida militar, retratando de maneira pormenorizada o conflito, em oposição à coluna Antonina, cujos elementos de destruição do

inimigo, estão muito mais presentes e a participação na vida cotidiana recebe menor atenção (LOCATELLI, 2013, p. 53; CADARIO, 2012, p. 112).

A narrativa se inicia com cenas de postos avançados romanos às margens do rio Danúbio, seguidas de preparativos em que se pode ver soldados depositando alguns objetos para a futura expedição. Posteriormente os soldados cruzam o rio, sob o olhar de uma divindade que personifica o rio. Após uma cena de desembarque, é realizado um conselho de guerra presidido pelo imperador e seu estado-maior. Seguem-se então algumas cenas de caráter religioso, onde tem lugar um ritual de *suovetaurília* (é possível ver os animais a serem sacrificados: um touro, uma ovelha e um porco), e após uma sequência de cenas de construção vê-se o primeiro confronto entre as forças romanas e o inimigo dácio. Em geral, esta sequência de cenas, em maior ou menor grau, se repetirá ao longo de toda a coluna. De acordo com Tortorella, é difícil conseguir identificar as representações dos frisos das colunas comemorativas romanas com eventos históricos, uma vez que elas se compõem em geral de “estereótipos sem significativas variações” (2012, p. 54). Contudo, a frequência com que estes estereótipos são empregados e a sua disposição ao longo do friso podem dar-nos importantes pistas sobre quais aspectos dos conflitos são mais destacáveis dentro da narrativa construída. Ademais, frequência com que o imperador é representado em relação às diferentes temáticas abordadas na coluna podem esclarecer aspectos importantes como a função destinada aos imperadores no contexto de um conflito bélico.

Destarte, é possível classificarmos as cenas da coluna de Trajano em 10 categorias temáticas: 1) Preparativos, incluindo cenas de ronda e guarda, enterros, etc.; 2) Sacrifícios, incluindo cenas de *lustrationes*; 3) Marchas e Travessias; 4) Construções, incluindo cenas do abate de árvores; 5) Discursos; 6) Embaixadas, incluindo cenas de civis que apelam ao imperador; 7) Combates; 8) Prisioneiros interrogados; 9) Conselhos de Guerra, incluindo a distribuição de donativos; e 10) Saques/fugas/espólios/prisioneiros. As cenas mais comuns são as da categoria de Marchas e Travessias que, totalizando 32 cenas, representam 20% de toda a narrativa da coluna. Após temos as cenas de Combate (25), seguidas pelas cenas de Saques/fugas/espólios/prisioneiros (21), Construções (20), Preparativos (16), Embaixadas (14), Sacrifícios (10), Discursos (9), Conselhos de Guerra (5) e Prisioneiros interrogados (3).

Convém observar que estas temáticas não se encontram distribuídas de forma homogênea ao longo do friso da coluna. As temáticas Preparativos, Sacrifícios e Prisioneiros interrogados se encontram constantemente presentes na narrativa inicial, tornando-se cada vez

menos frequente conforme o conflito se avança. Por outro lado, as temáticas Marchas e Travessias, Combates e Saques/fugas/espólios/prisioneiros se tornam cada vez mais presentes ao ponto de dominar a narrativa após transcorridos dois terços da narrativa. Dispostas desta forma, causam a impressão de que os conflitos, sobretudo o segundo, se intensificava cada vez.

Ao longo do friso o imperador aparece 63 vezes. Seguindo as classificações temáticas estabelecidas, vemos que Trajano aparece em 17 cenas de Marchas e Travessias, 12 cenas de Embaixadas, 9 de Discursos, 7 de Sacríficos, 6 de Construções, 4 de Conselhos de Guerra, 3 de Combates, 3 de Prisioneiros interrogados, 1 de Preparativos e 1 de Saques/fugas/espólios/prisioneiros. Através dessa comparação numérica é possível observar que as temáticas mais recorrentes na narrativa da coluna, não são necessariamente àquelas as quais o imperador estará ligado mais intimamente. Enquanto as cenas de Combate, por exemplo, representam 16% do total de cenas, elas representam apenas 5% das aparições imperiais. Por outro lado, enquanto as cenas de marchas/travessias e de embaixadas constituem 20% e 9% da narrativa da coluna, respectivamente, estas mesmas temáticas representam quase metade das cenas em que o imperador aparece. Ao longo de todo o friso da coluna de Trajano, é possível ver a quais atividades um imperador, ou ao menos este imperador, deveria voltar suas atenções durante conflitos bélicos. É certo que muitos imperadores visitavam a região fronteira, mas ficavam em quartéis gerais e outros tantos nem saiam de Roma, mas o Trajano da coluna nos indica quais eram as atividades essenciais do comandante em chefe. Após receber uma última rendição de nobres dácios (*pilleati*), na cena 41, o imperador não torna a aparecer, mesmo faltando ainda 14 cenas para o fim do conflito. Em mais da metade de suas aparições, o imperador lidera marchas, recebe delegações e embaixadas diplomáticas e se dirige aos soldados em discursos exortativos. A sua função é, sobretudo, estratégica e ele deve se dedicar ao conflito como um todo, deixando as funções mais táticas aos seus legados, ainda que não se furte a exercê-las em pessoa de vez em quando.

Considerações finais

Enquanto o Panegírico de Plínio, produzido no início do governo de Trajano, procura apresentar um líder cuja carreira militar emularia os feitos e o caráter dos antigos generais do período republicano, buscando posicionar sua figura como restauradora de uma tradição republicana, de modo a conciliar a natureza autocrática e militar do Principado romano com os ideias da classe senatorial, é possível observar que a coluna de Trajano, finalizada já

transcorridos 15 anos de governo, procura apresentar um imperador muito mais pragmático, que lidera seus exércitos na guerra, atentando-se muito mais a questões como a disposição das tropas e a questões diplomáticas do que ao combate ou de preparativos. Ainda que não sejam excludentes, visto que o texto pliniano nos apresenta um jovem militar em ascensão até a sua chegada ao trono e a coluna nos apresente um imperador já bastante maduro e que pode delegar funções secundárias a outros personagens, é perceptível que haja uma mudança na forma de se representar o imperador enquanto líder militar.

Outras fontes contemporâneas do período trajânico, como o friso que seria reaproveitado no Arco de Constantino e a iconografia de uma série de moedas cunhadas neste período poderia contrastar com essa imagem apresentada no Panegírico de Plínio e na coluna de Trajano. Contudo, é necessário compreender que a representação da imagem de um imperador não era algo estático, mas era fruto do diálogo constante entre o poder imperial e os anseios dos setores sociais que legitimavam e sustentavam o seu poder. Dessa forma, omissões, adaptações e mesmo distorções poderiam fazer parte do processo de representação imperial de acordo com as necessidades exigidas pelo momento.

Referências bibliográficas

Fonte

PLINY THE YOUNGER. *Letters and Panegyricus*. Translated by Betty Radice. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

TRAJAN'S COLUMN IN ROME. Disponível em < <http://www.trajans-column.org/> > acesso em: 23/10/2020.

Bibliografia

AMES, Cecilia. El título imperial romano y la problemática del Principado. *Estudios Clasicos*. Tomo 41, n° 116, p. 49-64, 1999.

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. *A Águia e a Cruz: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C.* 2003. 221p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

BENNETT, Julian. *Trajan: Optimus Princeps: a life and times*. London: Routledge, 1997.

BRIZZI, Giovanni. *Roma: Potere e Identità dalle origini alla nascita dell'Impero Cristiano*. Bologna: Pàtron Editore, 2012.

CADARIO, Matteo. L'immagine dell'Impero in Guerra da Traiano a Marco Aurelio. In: La Rocca, E.; Parisi-Presicce, C.; Lo Monaco, A. (ed.). *L'età dell'equilibrio 98-180 d.C.*, Mondomestre, Roma 2012. pp. 105-113.

DAVIES, Penelope. The Politics of Perpetuation: Trajan's Column and the Art of Commemoration. *American Journal of Archeology*, v. 101, n. 1, 1997. Pp. 41-65.

FACCINI, Sara. *Le ale dell'esercito romano in Dacia*. Analisi storica e catalogo delle fonti epigrafiche, archeologiche e numismatiche. 2009. 448p. Tesi. Università degli Studi di Ferrara, Ferrara, 2009.

GRIFFIN, Miriam. Nerva to Hadrian. In: BOWMAN, A. L.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. *The Cambridge Ancient History*, V. 11: The High Empire, AD 70-192, 2ed. Cambridge University Press, 2000. p. 84-131.

LOCATELLI, David. *Le colonne coclidi di Roma e Costantinopoli*. Corso di Laurea Triennale. Università degli Studi di Milano, Milão, 2013.

MENDES, Norma Musco. O sistema político do principado. In: SILVA, Gilvan Vetur da; MENDES, Norma Musco (orgs.) *Repensando o império romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.

MILLAR, Fergus. *The Emperor in the Roman World (31BC –AD 337)*. New York: Cornell University Press, 1977.

MOMMSEN, Theodor. *A History of Rome under the Emperors*. London: Routledge, 2005.

ROCHE, Paul (ed.). *Pliny's Praise: The Panegyricus in the Roman World*. New York: Cambridge University Press, 2011.

ROSSI, Andrea L. D. O. C. As guerras dácicas: uma leitura das fontes textuais e da coluna de Trajano (101 d.C. – 113 d.C.). In: FUNARI, Pedro Paulo A.; CARVALHO, Margarida Maria de; CARLAN, Cláudio Umpierre; SILVA, Érica Cristyane Moraes (orgs.). *História militar do mundo antigo: guerras e identidades*. 1ed. São Paulo: Anna Blumme, 2012, v. II, p. 227-248.

SETTIS, Salvatore; ANDREAU, Jean; BONAN, Elsa; SCHNAPP, Alain. La colonne Trajane: invention, composition, disposition. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 40e Année, n° 5 (Sep. – Oct., 1985), pp. 1151-1194.

SETTIS, Salvatore. La colonne Trajane: L'empereur et son public. *Revue Archéologique*, n° 1, 1991, pp. 186-198.

SCHOWALTER, Daniel. *The Emperor and the Gods: images from the time of Trajan*. Minneapolis: Fortress, 1993.

SYME, Ronald. *The Roman Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1939.

TORTORELLA, Stefano. Monumenti Statai fra Trainao e Marco Aurelio: esibizione del potere e provvidenze imperiali. In: La Rocca, E.; Parisi-Presicce, C.; Lo Monaco, A. (ed.). *L'età dell'equilibrio 98-180 d.C.*, Mondomostre, Roma 2012. pp. 105-113.

VEYNE, Paul. *O Império Greco-Romano*. Tradução: Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

Submetido em: 25/10/2020

Aprovado em: 23/11/2020

Publicado: 11/12/2020

ⁱ Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", possui graduação em História pela Universidade do Oeste Paulista (2014) e especialização em História, Sociedade e Cultura (2017).